



Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Instituto de Ciências Sociais - ICS  
Curso de Ciências Sociais- Licenciatura

Susane Raphaella da Silva

## **A UTILIZAÇÃO DO SURVEY NA CIÊNCIA POLÍTICA NO BRASIL**

Maceió, 2016

Susane Raphaella da Silva

## **A UTILIZAÇÃO DO SURVEY NA CIÊNCIA POLÍTICA NO BRASIL**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Dr. José Alexandre da Silva Junior.

Maceió, 2016

Susane Raphaella da Silva

## **A UTILIZAÇÃO DO SURVEY NA CIÊNCIA POLÍTICA NO BRASIL**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Dr. José Alexandre da Silva Junior.

Maceió, 21 de outubro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

José Alexandre da Silva Junior

---

1º Examinador

Universidade Federal de Alagoas – Maceió – AL

Ranulfo Paranhos dos Santos Filho

---

2º Examinador Interno

Universidade Federal de Alagoas – Maceió – AL

Willber da Silva Nascimento

---

3º Examinador Externo

Universidade Federal de Pernambuco – Recife- PE

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha família, por tanto amor dedicado a mim. Por sempre me apoiarem nesse sonho de ser uma eterna curiosa da complexa e apaixonante sociedade humana.

Meus queridos pai, mãe e meus irmãos nós sabemos que não foi fácil ficarmos longe. Não foi fácil me jogar num estado novo. Eu uma menina que parecia frágil, mas que vocês ensinaram a ser forte por que nunca estaria sozinha. Passamos por uma grande prova antes de iniciar nessa jornada e eu pensei que em um momento não seria forte o bastante para superar, levantar a cabeça e seguir. Porém, quando vocês me olharam nos olhos e disseram “a batalha não é só sua, é nossa”, respirei fundo e disse a mim mesma: “Deus não poderia ter me presenteado com uma família tão maravilhosa assim. Um amor que dinheiro não compra, que toda pobreza não pode tirar o sorriso, o afeto, e nossa união. O que me faz prometer que a cada dificuldade nesse sonho, a cada novo amanhecer, continuarei lutando por vocês”.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus por ter me proporcionado uma experiência tão incrível. Cresci, sofri e me conheci. Tive a graça de conhecer pessoas maravilhosas. Meus amigos foram mais que isso, muitas vezes, foram anjos que me socorreram várias vezes: ao cuscuz, a passagem do ônibus ou apenas por ouvir. Saibam que todos vocês fazem parte dessa minha vitória e não terão saída: vão ter que me aturar muito tempo ainda.

Aos meus mestres, Prof . Dr. Júlio Cezar Gaudêncio da Silva, Prof<sup>a</sup>. Dr. Fernanda Rechenberg, Prof . Dr. Fernando de Jesus Rodrigues, Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim, Prof . Dr. Ranulfo Paranhos dos Santos Filho, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira, Prof . Dr. Emerson Oliveira do Nascimento, Prof. Dr. Gabriel Augusto Miranda Setti, Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt, Prof. Dr. Evaldo Mendes da Silva, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana da Conceição Farias Santana que ao longo desses quatro anos compartilharam conhecimentos e notas – nem sempre felizes –, mas impulsionava a continuar e a não desistir. Em especial ao meu orientador José Alexandre que me aturou nas crises de tentar “abraçar o mundo com as pernas”, como ele diz, e por me direcionar às minhas paixões: a consultoria e a pesquisa quantitativa. E, por fim, agradeço ao curso de Ciências Sociais por me ajudar a entender os conflitos, compreender quem sou, aceitar o outro e perceber que a beleza da sociedade está no processo, etapas de mudança e não apenas números e resultado final.

“Coragem! Mais vale errar, se arrebitando, do que poupar-se para nada.”  
(Darcy Ribeiro)

## **RESUMO**

O presente trabalho procura analisar a questão da utilização da ferramenta survey na Ciência Política no Brasil, através das análises de artigos publicados em revistas acadêmicas e em anais de encontros como ANPOCS, Lua Nova, Opinião, Revista Brasileira de Ciência Política e Ciências Sociais, dentre outras. Esse estudo repousa sobre noções básicas da utilização desse método quantitativo nas pesquisas brasileiras. Contudo, as etapas de amostra passam desde a elaboração do questionário até sua análise. Além de mapearmos, estatisticamente, a frequência de utilização desse método em trabalhos produzidos de 2000 até 2013.

Palavras-chaves: *Survey*; artigos; métodos quantitativos.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the issue of using the survey tool in Political Science in Brazil, through the analysis of articles published in academic journals and in meeting proceedings as ANPOCS New Moon Review, Journal of Political Science and Social Sciences, among others. This study rests on the basics of using this quantitative method in Brazilian research. Contend the sample steps go from designing the questionnaire until analysis. In addition to map out, statistically, the frequency of use of this method in works produced from 2000 to 2013.

**Keywords:** *Survey*; articles; quantitative methods.

## SUMÁRIO

Introdução.....	12
2. Pesquisa e Elaboração de Questionários.....	13
2.2 A Elaboração da amostra.....	19
2.3 Elaboração das Amostras;.....	21
3.3 Metodologia de pesquisa e a Ciência política.....	23
3.2 Resultados obtidos na pesquisa.....	25
4.4 Desenho de Pesquisa.....	31
Conclusões.....	39
Referências.....	40
Lista de tabelas.....	41
Lista de Gráficos.....	42





## INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo analisar, o uso da ferramenta metodológica *survey* a fim de compreender como ela é elaborada para obtenção dos dados quantitativos para realização de estudos nas na área de Ciência Política no Brasil. E, assim, divulgar essa ferramenta, para que mais pesquisadores tenham acesso a ela. Para Babbie:

“Há provavelmente tantas razões diferentes para se fazer *surveys* quanto há *surveys*. Um político pode encomendar um visando a sua eleição. Uma empresa de marketing pode fazer um *survey* visando vender mais sabonetes de marca X. Um governo pode fazer um *survey* para projetar um sistema de trânsito de massa ou para modificar um programa de bem-estar social” (BABBIE, 2005, p. 95).

A partir de Babbie (2005), tento demonstrar as razões e a aplicação da utilização do *survey* tanto em trabalhos acadêmicos como pesquisas de mercados – nas empresas de consultorias e institutos de pesquisa do país. E, assim, demonstrar, também, as etapas da pesquisa, que utiliza essa ferramenta desde a elaboração do formulário até a postura do pesquisador. Além de explicitar como esses dados são tratados para obtenção dos resultados almejados. Passeando um pouco pelos testes estatísticos, tratados em *software* SPSS; pela forma como os trabalhos são produzidos no Brasil, mesmo com pouco acesso restrito aos relatórios de *surveys* eleitorais, representa a maior fatia de representação dessa técnica nos institutos de pesquisas.

Assim, demonstro os resultados apurados e obtidos pelas análises de artigos publicados em periódico científicos brasileiros, na área das ciências sociais, que utilizaram *survey* em seus trabalhos, a partir de uma busca minuciosa nos *sites* das mesmas e no portal de periódicos *Scielo*, a fim de, minimamente, mapear a utilização dessa técnica na Ciência Política brasileira. Sendo feita uma revisão bibliográfica em torno da ferramenta, a sua metodologia.

## **2.1. Pesquisa e Elaboração de Questionários**

O presente trabalho tem como objetivo pensar a questão da pesquisa quantitativa e a utilização de *survey* no âmbito da Ciência Política no Brasil, a partir da análise de artigos coletados nas principais revistas científicas reconhecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Para Babbie, *survey*:

“se refere a um tipo particular de pesquisa social empírica, mas existem vários tipos de *survey*. O termo pode incluir censos demográficos, pesquisa de opinião pública, pesquisas de mercado sobre preferências do consumidor, estudos de preconceitos e epidemiológicos e outros.”  
(Babbie, 2005, p. 95)

A partir do conceito de Babbie (2005) é possível entender que *survey* é um método que compreende as pesquisas sociais que buscam a inferência do objeto de pesquisa na construção da sua análise. Seria, basicamente, a elaboração de questionários agrupados, adotando uma amostragem e que pode ser construído através de questões espontâneas ou

flexionadas, com a finalidade de coletar dados que atendam ao que a pesquisa pretende alcançar. O questionário elaborado, então, segue para um pré-teste visando diminuir os possíveis erros e, em seguida, se escolhe um grupo focal que possa responder aos questionários, respeitando os interesses da pesquisa em questão. Após a aprovação dos questionários elaborados, estes são colocados para aplicação por pesquisadores que irão observar se existe uma estratificação a ser seguida, ou seja, a porcentagem, por exemplo, de homens e mulheres em relação à idade, renda e escolaridade. Observadas essas questões, as cotas definidas na estratificação devem ser cumpridas pelos pesquisadores para, posteriormente, processar os dados obtidos em campo.

A pesquisa de *survey* pode ser de cunho explanatório, exploratório e descritivo. De acordo com Pinsonneault & Kraemer (1993), a diferença consiste na profundidade para com o objeto estudado. Tais autores destacam também a importância da adequação dos indivíduos que responderão à pesquisa: a unidade de análise, objeto que pretende ser estudado, ou seja, que respondentes realmente representam aquilo que informarão ao pesquisador, ou ainda, se, na sua maioria, eles possuem as informações buscadas na pesquisa.

Seguramente, a aplicação do *survey* deve obedecer ao planejamento da pesquisa. Por exemplo, pode servir para descrever o objeto ou testar relações entre variáveis. Ou seja, se a pesquisa em curso irá utilizar o tempo numa perspectiva transversal (retrato de momento) ou longitudinal (acompanhamento do fenômeno em diferentes momentos).

Outros fatores que interferem na utilização da técnica são: à percepção dos sujeitos e o ambiente da pesquisa. Ambos precisam ser cuidadosamente observado/controlado para que não haja modificação na pesquisa. Uma medida indicada é a incorporação de questões

para verificação das condições necessárias tanto para pesquisa em campo como em laboratório. São necessárias: simulação ou pré-teste, usualmente realizado pelos centros de pesquisas. Sendo assim, o ambiente da pesquisa pode alterar os resultados pretendidos. Os sujeitos podem vir a questionar a sua utilidade ou tentar manipular as respostas dos questionários aplicados ou não agir normalmente.

A elaboração do instrumento, também requer bastante atenção. Em pesquisas sociais que envolvem *surveys*, as perguntas não podem ser elaboradas a partir de preconceitos, pois logo serão percebidas pelos entrevistados como tal. É preciso que haja uma boa combinação, pois assim o pesquisador irá descobrir com os entrevistados, níveis de preconceito. Muitas vezes os entrevistados não compreendem a necessidade da repetição das mesmas alternativas, apenas mudando a ênfase de importância. Nesse tipo de pesquisa, é possível também exercer uma análise prospectiva, real ou hipotética de opinião. Por exemplo, na Ciência Política costuma-se buscar o posicionamento dos entrevistados diante de um fato ou candidato. Todavia, nem sempre o fato está situado no presente, assim como nem sempre a candidatura está na rua. Seja como for, as questões prospectivas são, na sua maioria, menos confiáveis (BABBIE, 2005).

Além da plausibilidade da questão, o pesquisador também precisa decidir sobre o nível de mensuração das variáveis: nominal, ordinal, intervalo e razão. Esses níveis servem para analisar o *survey* e as respostas adquiridas. No nível mais simples, a medição refere-se apenas a atributos. Por exemplo, uma variável que distingue entre do sexo masculino e feminino. Quanto à medida ordinal reflete uma ordenação entre categorias que compõem uma variável, a pirâmide social exemplifica isso, pois possui classe baixa, média e alta. Por fim, o intervalo e a razão. O intervalo é usado para descrever condição, mais provém mais

sentido do que na medida ordinal, por que a distância entre os elementos tem significado real, ao passo que a razão tem as mesmas características do intervalo, mas adicionada uma a mais por possuir um zero real, absoluto. Por exemplo, a idade: quem possui 20 anos tem o dobro de quem tem 10 anos de idade além de peso, altura e tempo. Na realidade, o nível de mensuração da variável estará refletido na escala que padroniza a resposta da questão. Obviamente, nem sempre é clara qual a melhor opção. O pesquisador deve ficar atento à habilidade dos pesquisados com certo padrão de resposta. Em outros temas, não é razoável elevar o nível de mensuração correndo risco de aumentar sobremaneira a não resposta.

Ao se propor a desenhar um questionário, é necessário avaliar o tipo de análise que será feita após a coleta dos dados. Como será medida cada variável, e se todas as medidas devem ser levadas em conta. Dessa forma, prefere-se a não construção de questionário com variáveis de apenas um nível de mensuração. É interessante, introduzir questões que o indivíduo seja levado a responder, fornecendo e enumerando opções de múltipla escolha, tomando nota das respostas, caso haja. Para Matos & Trez (2012) a elaboração de um questionário deve observar seguintes os pontos:

- Elaboração de diferentes tipos de questionários com o rodízio das questões;
- Inserção de perguntas que quebrem a rotina de resposta do pesquisado;
- Inserção de perguntas com escala inversa para avaliar a confiabilidade dos resultados obtidos;
- Sequência das perguntas: as perguntas devem ser ordenadas segundo um critério lógico, com o objetivo de tornar o questionário interessante e claro para o entrevistado;

- Tamanho do questionário: deve ser definido o tamanho máximo e priorizadas perguntas que contemplem às questões definidas a partir do problema da pesquisa;
- Desenho do questionário: na formulação do questionário, deve ser selecionada uma aparência que proporcione maior clareza às perguntas. As perguntas devem ser divididas em etapas distintas e numeradas, para facilitar a análise dos dados e o entendimento do entrevistado.

Conceituando a elaboração do questionário BANDEIRA (2003) apresenta caminhos para melhorar a elaboração de questões dividindo em cinco sessões. A primeira seção lidará com as bases conceituais e populacionais de um questionário. A segunda tratará do contexto social da aplicação do instrumento. A seguir apresenta-se a estrutura lógica do instrumento; e na quarta seção, os elementos do instrumento, i.é, questões e itens. Na quinta seção apontam-se diferenças nos instrumentos, conforme a maneira de sua aplicação: entrevista individual, pelo telefone, por correio convencional ou eletrônico, ou em grupos (Bandeira, 2003).

### 1. Exemplificando

Há quanto tempo mora nesta cidade?

[Caso apropriado] Onde morava antes?

Em geral, está satisfeito em morar aqui?

Em um primeiro começo de estruturação é direcionar-se do mais geral para o mais específico; do menos delicado, menos pessoal, para o mais delicado, mais pessoal. Esta

ordem se aplica a conjuntos temáticos de itens e a um grupo de itens que tratam de uma temática em comum.

### 2. Exemplificando

“Concluindo, gostaríamos de fazer algumas perguntas para melhor caracterizar os respondentes desta pesquisa... ”

Um segundo momento de organização do instrumento é que, na medida apropriada, deve seguir uma ordem nexa. Usando hipoteticamente ao perguntar sobre sua moradia, pergunta-se inicialmente sobre a cidade, depois sobre o bairro, a rua e o prédio onde o respondente mora. Além de progredir do geral para o específico, aproxima-se do respondente do pesquisador deixando o mais receptivo para expor sua opinião sobre o objeto da pesquisa.

### 3. Exemplificando

“Inicialmente, gostaria de saber sua opinião sobre as opções de lazer neste bairro...”

No terceiro exemplo, estar implícito no segundo, que sugere que itens tratando de uma mesma temática fiquem unidos e recebam uma introdução que ajude o respondente a concentrar-se na temática a ser trabalhada.

É necessário, também, trabalhar com perguntas de curta extensão sem grandes complicações. Portanto, a simplicidade no vocabulário e capacidade de síntese precisa ser exercitada. Em geral, as melhores questões não possuem termos dúbios e enunciados curtos e diretos, capazes de serem entendidos da mesma forma por todos os entrevistados. Antes de tudo refletir sobre as questões antes de ser colocado no questionário e sobre a necessidade de sua presença ajudam na diminuição do viés sobre o mesmo.

## 2.2 A Elaboração da amostra

Efetivamente, o primeiro passo para obtenção das informações é o recorte amostral. Aqui a principal missão é garantir que o grupo selecionado seja representativo em relação a população. Em outras palavras, a amostra deve refletir a diversidade presente na população. Isso em termos das principais variáveis que podem influenciar nos padrões de resposta. Em geral, as amostras levam em conta o gênero, a idade, a distribuição geográfica e a escolaridade da população. Embora seja trabalhoso desenhar uma boa amostra, há várias razões que justificam a questão da amostragem, a principal: a busca do baixo custo para desenvolver a pesquisa, já que (na sua maioria custo é alto). Há diversas técnicas de amostragem que o pesquisador pode escolher, a opção deverá se adequar aos objetivos almejados pela pesquisa e aos recursos disponíveis para investigação.

A amostragem pode ser irrestrita e restrita, além de ser probabilística e não probabilística. Existem ao menos seis critérios de escolha para definir uma amostragem: 1) População de interesse; 2) Parâmetros de interesse; 3) estrutura da amostragem; 4) o tipo de amostra; 5) tamanho da amostra e 6) custo. A população define-se a partir da questão de pesquisa, exige uma definição precisa da unidade de análise (indivíduos, famílias, escolas, partidos, etc). Os parâmetros são medidas utilizadas para descrever de forma resumida variáveis de interesse na população (proporção, média e desvio padrão). A estrutura é a lista de elementos da qual a amostra é de fato retirada, torna-se mais complexa a medida em que se adiciona clivagens da população. Quanto ao tipo, membros de uma amostra podem

ser a partir da probabilidade ou por outras soluções. Os elementos podem ser selecionados individualmente e diretamente da população (amostra irrestrita) ou por meio de controles adicionais (restrita). A escolha pode ser probabilística, aleatória, onde todos os sujeitos da população têm iguais chances de seleção conhecida e diferente de zero ou não probabilística, não aleatória (subjativa), os sujeitos poderão ser escolhidos por conveniência da amostragem.

A pesquisa precisa ser confiável, não se pode querer “adivinhar” as possíveis respostas. Existem métodos, técnicas e cálculos estatísticos que irão ajudar na análise dos resultados. A dimensão principal para garantir a confiabilidade aos resultados é o tamanho da amostra. O tamanho da amostra deve ser uma função da variação dos parâmetros da população sob estudo e da exigência de precisão dos resultados estimados. Dessa forma, nem sempre as maiores populações precisam ser representadas pelas maiores amostras. Para ser preciso, o tamanho da amostra será uma função da: 1) dispersão ou variância dentro da população; 2) nível de precisão; 3) nível de confiança; 4) número de subgrupos de interesse. A dispersão depende do parâmetro que será estimado. Em geral, busca-se estimar uma proporção, uma média ou um desvio padrão. O nível de precisão é uma função inversa da margem de erro admitida pelo pesquisador, quanto maior a margem, menor a precisão. A margem de erro é, portanto, a diferença máxima provável entre a estatística amostral observada  $P$  e o parâmetro populacional  $P$ . Já o nível de confiança, em termos técnicos, é a probabilidade  $1 - \alpha$  da estimação realmente representar o parâmetro populacional (supondo que o processo de estimação seja repetido um grande número de vezes).

A fórmula para o cálculo da amostra depende do tipo de população a ser representada e do parâmetro que se pretende estimar. Matematicamente, existe população Finita- aquela que podemos localizar ou que estão dentro da margem de 100.000 + ou - pessoas infinita-aquela que não podemos localizar ou acima de 100.000 pessoas. Em geral, busca-se estimar uma proporção, uma média ou um desvio padrão. Por exemplo, para a estimação de uma média a formula é a seguinte:

Assim toda amostra depende do estabelecimento de um nível de confiança. De uma amostra refere-se à área da curva normal definida a partir dos desvios-padrão em relação à sua média (PARANHOS et al, 2014). Segundo exemplo formulado pelo próprio autor:

**1 desvio padrão** = 68% de representatividade

**2 desvios** = 95,5% de seu total

**3 desvios** = 99,7% da amostra ou população

*Observação:* quanto maior o nível de confiança, maior o tamanho da amostra.

### **2.3 Elaborações das Amostras;**

- Porcentagem com que o fenômeno se verifica

Quanto maior a amostra, menor o erro. A estimação prévia da porcentagem com que se verifica um fenômeno é muito importante para a determinação do tamanho da amostra de

uma população pesquisada que não supera 100.000 elementos, as fórmulas para o cálculo do tamanho da amostra é a seguinte.

Estimação da Média

$$n = \left( \frac{Z_{\alpha/2} \sigma}{e} \right)^2$$

Estimação da Proporção

$$n = \frac{z^2 \cdot \sigma^2 \cdot N}{e^2 \cdot (N - 1) + z^2 \cdot \sigma^2}$$

Sendo:

n = Tamanho da amostra.

$\sigma$  = Nível de confiança escolhido, expresso em número de desvios-padrão.

p = Porcentagem com a qual o fenômeno se verifica.

q = Porcentagem complementar (100-p).

N = Tamanho da população.

e = Erro máximo permitido.

Quando se for trabalhar com amostra maior que 100.000 deve-se trabalhar com fórmula de população infinitas:

Sendo assim o n é o número da amostra;  $Z_{\alpha/2}$  representa o nível de confiança que terá a pesquisa, que de forma geral seria (90%, 95% e 99%); p seria a porção de entrevistados que apresenta a característica; q representa porção que não possui característica de interesse, para isso realiza-se uma equação sendo  $q = 1 - p$ . N é o tamanho da população que será representada pela amostra. Tendo e como o erro estimado permitido, na regra geral usa-se (2%, 3% ou 4%).

Quando se passa para etapa das análises dos dados obtidos através dos questionários de surveys, *técnicas e softwares* ajudam os pesquisadores, a trabalhar esses dados de forma mais dinâmica.

Na sua maioria, se utiliza SSPS para exportar os dados colhidos dos questionários que apresentarão dados prévios da pesquisa eleitoral, política pública e governabilidade, entre outras, na Ciência Política. Vale ressaltar que se o questionário for bem feito, as respostas declaradas ou flexionadas irão conseguir responder à pergunta que move a pesquisa ou fornecer indícios a partir de teste de hipóteses.

### **3.3 Metodologia de pesquisa e a Ciência política**

A Ciência Política do Brasil tem uma relação estreita com os métodos quantitativos, mas a utilização desse método ainda anda a passos lentos, questão que deve ser tratada como um problema que advém da deficiência dos cursos de graduação de Ciências Sociais (SOARES, 2005). Uma vez que as disciplinas durante a graduação são, em sua maioria, densamente teóricas ficaria a cargo das coordenações dos cursos de Ciências Sociais proporcionar mudanças curriculares, incentivando propostas que viabilizem um curso denso em teorias clássicas, mas que também ofereça disciplinas voltadas à aplicação prática dos métodos e técnicas de pesquisa. Até os programas de Ciência Política de pós-graduação precisam ser renovados, para que os trabalhos de mestrados e doutorados utilizem mais métodos quantitativos com *surveys* nas suas pesquisas (SOARES, 2005). Na UFMG e USP, por exemplo, existe um curso de método quantitativo reconhecido nacionalmente. Apesar dessa deficiência encontrada na formação dos cientistas políticos, muitos utilizam *surveys* em suas pesquisas de método quantitativo como também em pesquisas mistas, uma vez que

esse modelo pode ser bem útil para responder questões subjetivas do indivíduo ou grupo pesquisados a partir de perguntas espontâneas.

É possível observar a presença desse método nos artigos publicados em revistas brasileiras como *Lua Nova*, *Dados*, *Opinião Pública*, *RBCS*, *RBCP* (*Qualis Superior*). Artigos esses que, a partir desse método, abordaram as campanhas eleitorais com a finalidade de analisar a aprovação dos indivíduos e gestores. Com a utilização desse método é possível extrair, da amostra escolhida, a opinião e o posicionamento do indivíduo diante do questionário e dependendo do desenho, também é possível fazer interferências para a toda a população que lhes foi apresentado. Dependendo da forma como a amostra for desenhada, também será possível fazer inferência para grupos maiores, para população. Na Ciência Política brasileira os pesquisadores utilizam esse método como forma de obtenção de resultados que contribuam no desenvolvimento de seus trabalhos.

## 3.2 Resultados obtidos na pesquisa

### Artigos analisados

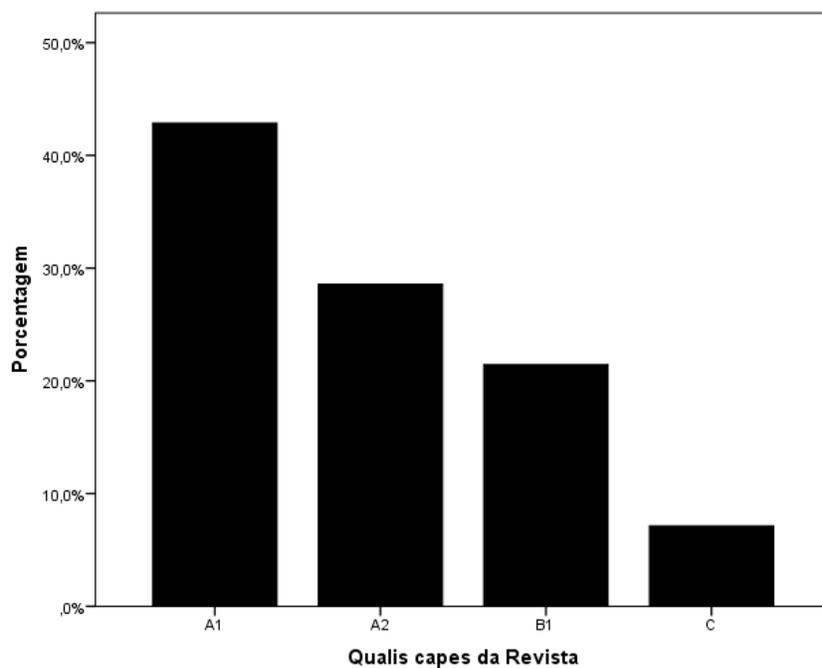
Para começar, todos os periódicos pesquisados que publicaram artigos com utilização de *survey* estão listados na tabela abaixo. Precisamente, essa tabela organiza os periódicos pelos seus respectivos *qualis*:

**Tabela 3.1** – Periódicos que publicaram artigo com análise de *survey*

REVISTAS	QUALIS
Revista Brasileira de Ciência Política	A1
Revista Lua Nova	A2
Revista Novos Espaços	A2
Revista Perspectiva	A1
Revista Tempo Social	B2
Revista Brasileira de Ciências Sociais	A1
Revista Opinião Pública	B1
BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais	B1

Fonte: Elaboração do autor

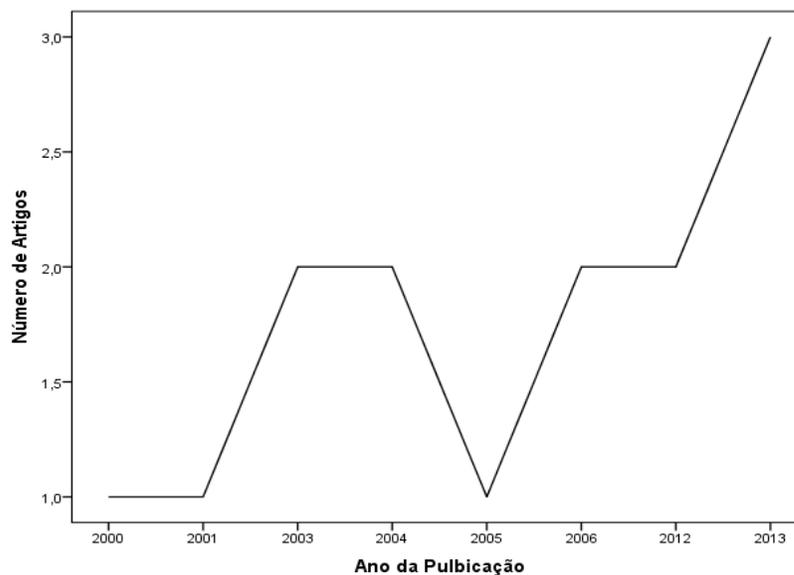
Pode ser observado na tabela que boa parte das revistas que possui publicações que fizeram análise de *surveys* na construção das pesquisas na área da Ciência Política no Brasil possuem avaliação *qualis* máxima – A1. Ao todo, foram encontrados 14 artigos, a grande maioria publicado em periódicos com qualificação nessa faixa. O gráfico abaixo ajuda a dimensionar a distribuição dos artigos pelos *Qualis* dos periódicos.

**Gráfico 3.1** – Frequência de artigos por *qualis*

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com o gráfico, mais de 70% dos artigos que fizeram análise de *survey* figuram em periódicos com *qualis* A. Mais precisamente, a probabilidade de um artigo que faz uso dessa técnica está em um periódico com *qualis* nessa faixa é de 0,714. Outra informação importante é a disposição desses artigos no tempo. O gráfico abaixo ilustra essa dimensão.

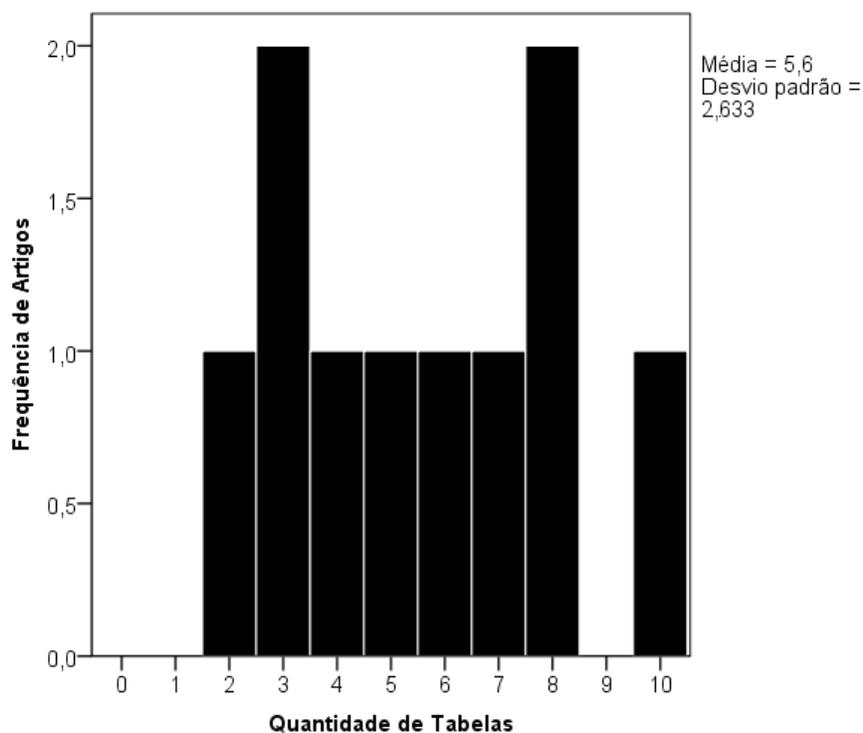
**Gráfico 3.2** - Produção Anual



Fonte: Elaboração Própria

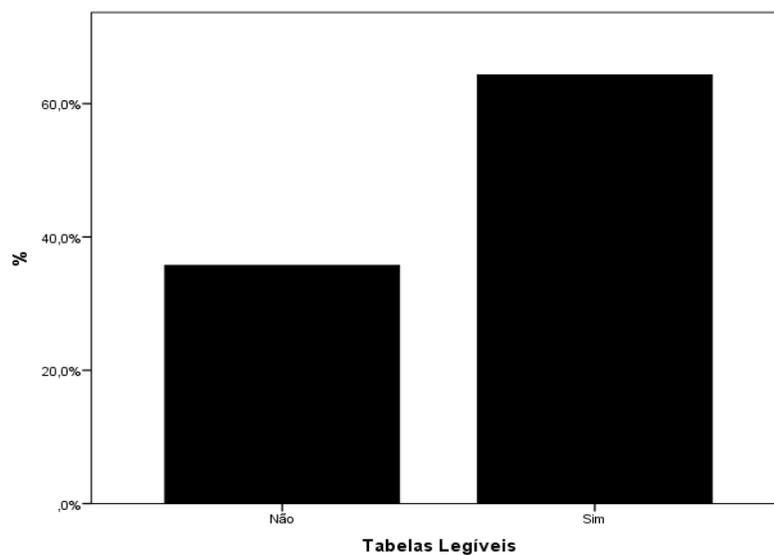
Os artigos identificados foram publicados ao longo dos últimos 13 anos. Durante a pesquisa, detectamos um aumento da utilização dessa ferramenta nas pesquisas brasileiras concentradas na Ciência Política tanto na academia como nos Institutos de pesquisas. Assim, de forma ainda tímida, no início anos 2000 essa técnica está presente em apenas 01 dos artigos publicados nas revistas pesquisadas, alcançando um ápice de utilização no ano 2013 (03 artigos).

Apresentados os dados gerais, a seguir fazemos uma análise mais detalhada do conjunto de artigos encontrados. A ideia é demonstrar como a análise de *survey* foi explorada. Para partir do básico, o gráfico abaixo apresenta a quantidade de tabelas contidas nos artigos.

**Gráfico 3.3 – Quantidade de tabelas por artigo**

Fonte: Elaboração Própria

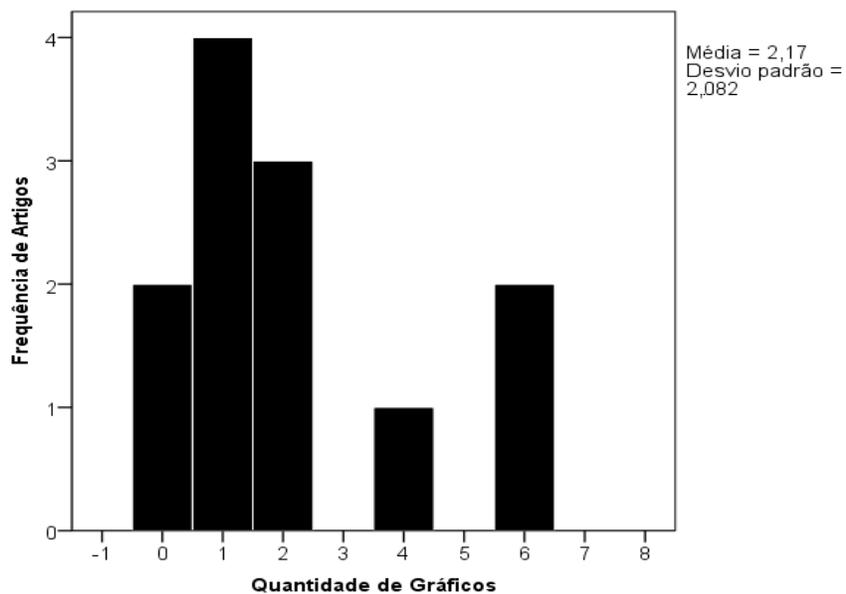
Como era de se esperar, todos os artigos apresentaram tabelas. A média é de 5,6 tabelas por artigo com desvio padrão de 2,63. Precisamente, o artigo com menor número de tabelas possui duas e o que conta com o número máximo apresenta dez tabelas. No entanto, resta saber se as tabelas estão apresentadas de forma clara, ou seja, apresenta a informação que se propõe facilitando entendimento do leitor. O gráfico abaixo ilustra a frequência de tabelas legíveis e ilegíveis encontradas nos artigos.

**Gráfico 3.4 - Tabelas legíveis**

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com o gráfico, mais de 35% das tabelas apresentadas nos artigos selecionados apresentam deficiência na exposição das informações. Os problemas identificados referem-se a “poluição” das tabelas, falta de clareza das variáveis trabalhadas e até imprecisão dos números apresentados. Abaixo repetimos a análise para os gráficos.

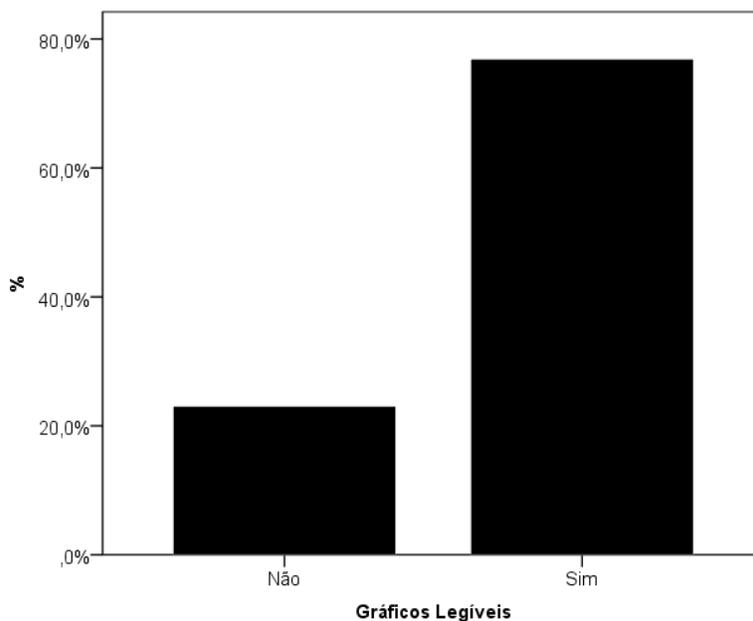
**Gráfico 3.5 – Quantidade de gráficos por artigo**



Fonte: Elaboração Própria

Em média, os artigos apresentam 2,17 gráficos com desvio padrão de 2,08. Dois artigos não apresentam gráficos, enquanto 2 apresentam o maior número de gráfico da série (seis). Como quantidade e qualidade são dimensões distintas, o gráfico a seguir representa a qualidade dos gráficos encontrados.

**Gráfico 3.6** – Gráficos Legíveis



Fonte: Elaboração Própria

Apesar da menor frequência de artigos com gráficos, a situação da exposição é melhor que a das tabelas. Cerca de 80% dos gráficos identificados apresenta as informações corretas e boas condições para interpretação.

#### 4.4 Desenho de Pesquisa

Para além do exame da distribuição e forma dos artigos, é necessário fazer a avaliação do desenho de pesquisa executados. Nessa etapa serão expostos dados sobre os seguintes aspectos:

**Quadro 3.1** – Lista de variáveis

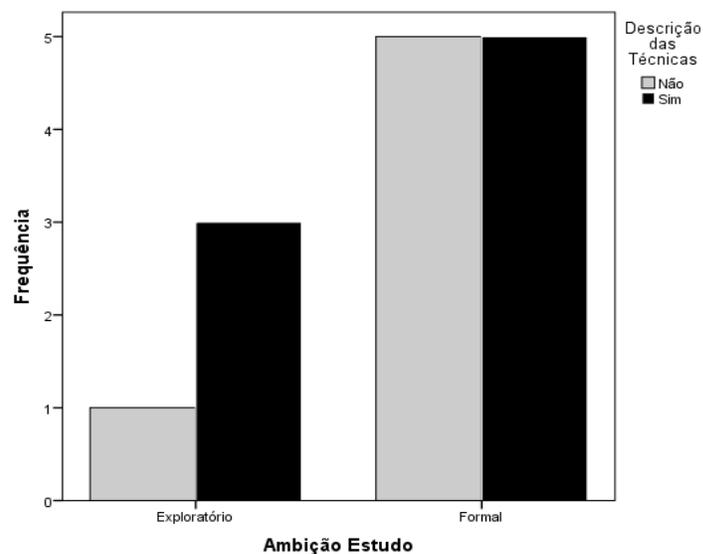
Variável	Descrição
Questão de Pesquisa	Apresentação de questão de pesquisa.
Hipótese	Apresentação de hipótese de trabalho.
Descrição de Técnicas	Apresentação das técnicas para análise.
Ambição do Estudo	Estudo Exploratório ou Formal.

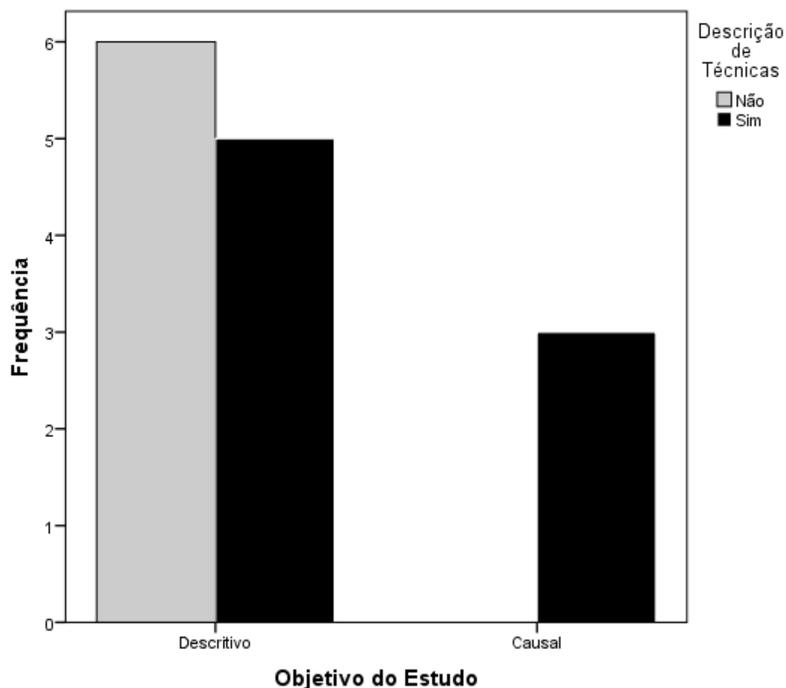
Objetivo do Estudo	Estudo Descritivo ou Causal.
Dimensão Temporal	Estudo Transversal ou Longitudinal.
Tipo de Amostragem	Amostragem probabilística ou não probabilística.
Dados Secundários	Utilização de dados não oriundos do <i>Survey</i> .
Parâmetro Principal	Estimação de média, desvio ou proporção.
Análise de Frequência	Utilização de apenas análise de frequência.
Testes de Associação	Utilização de algum teste de associação.

Fonte: Elaboração Própria

De início informamos que todos os artigos anunciam a questão de pesquisa e a hipótese de trabalho, sem exceções. Porém, há uma variação quanto apresentação das técnicas, ambição e objetivo dos estudos. Para ampliar e enriquecer a análise, apresentamos os dados a partir de gráficos com cruzamento de categorias.

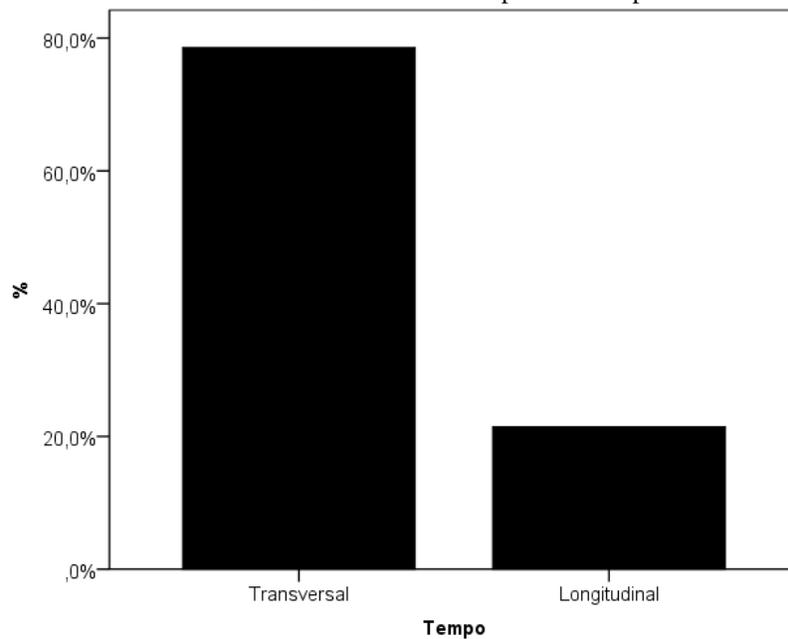
**Gráfico 3.7** – Descrição das Técnicas e Ambição do Estudo



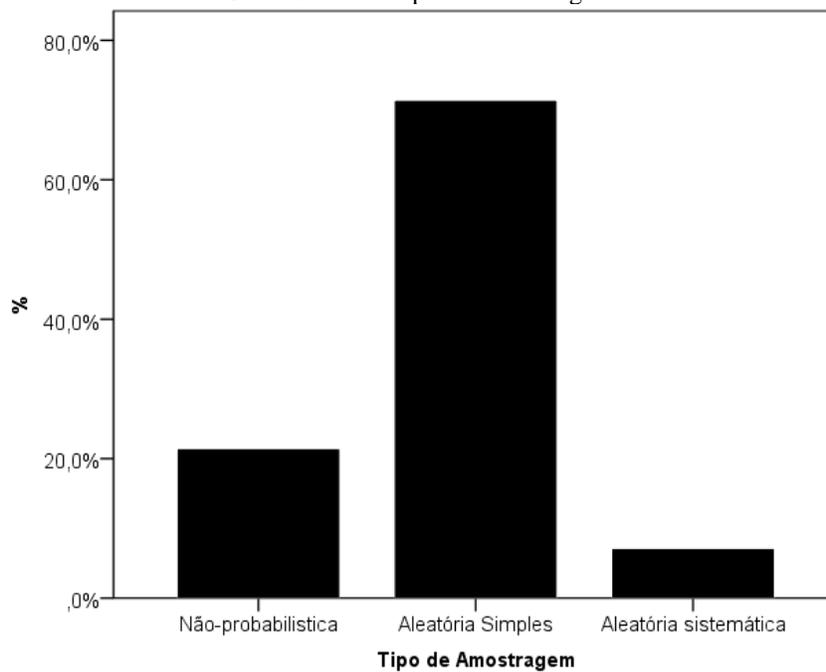


Fonte: Elaboração Própria

De acordo com o gráfico, a descrição das técnicas é mais comum em artigos cujo ambição é exploratória. Nessa categoria, 75% dos artigos fazem a descrição das técnicas contra 50% dos artigos cuja ambição é formal. Quanto ao objetivo, o cuidado com a descrição é maior dentre os que pretendem encontrar relações de causalidade. Precisamente, 100% dos artigos com esse objetivo descreve as técnicas que irá utilizar. Dentre os que pretendem apenas descrever o fenômeno, apenas 45% faz a descrição das técnicas. Na sequência, analisamos a perspectiva temporal e o tipo de amostragem utilizada pelos artigos.

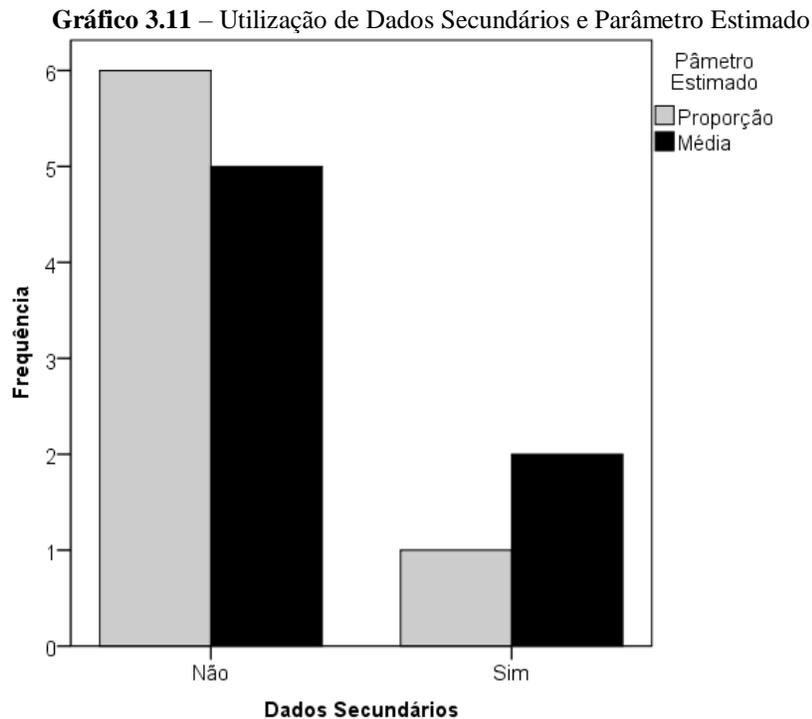
**Gráfico 3.9 – Perspectiva Temporal**

Fonte: Elaboração Própria

**Gráfico 3.10 – Tipo de Amostragem**

Fonte: Elaboração Própria

Os estudos utilizam uma perspectiva transversal e adotam uma amostragem simples aleatória. Em outros termos, a maioria dos estudos fazem apenas um retrato de momento do fenômeno, além disso, estabelece chances iguais para seleção de casos (respondentes) sem estabelecer nenhuma clivagem (amostra aleatória simples). A última análise que precisa ser feita diz respeito a correspondência entre dados, objetivo da análise e técnicas.

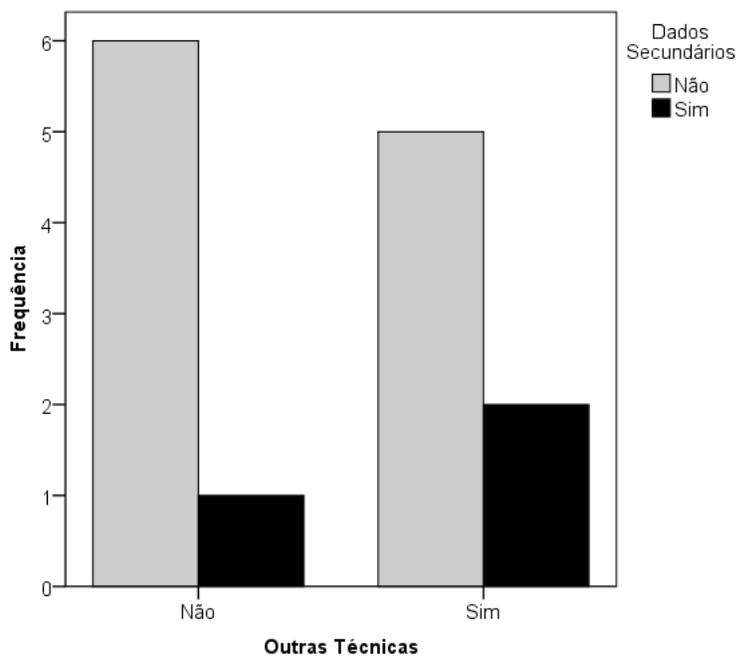


Fonte: Elaboração Própria

78,57% dos artigos (11/14x100) utilizam apenas dados extraídos do *survey*. Metade dos estudos (50%) busca estimar a média, a outra metade busca estimar a proporção. Os

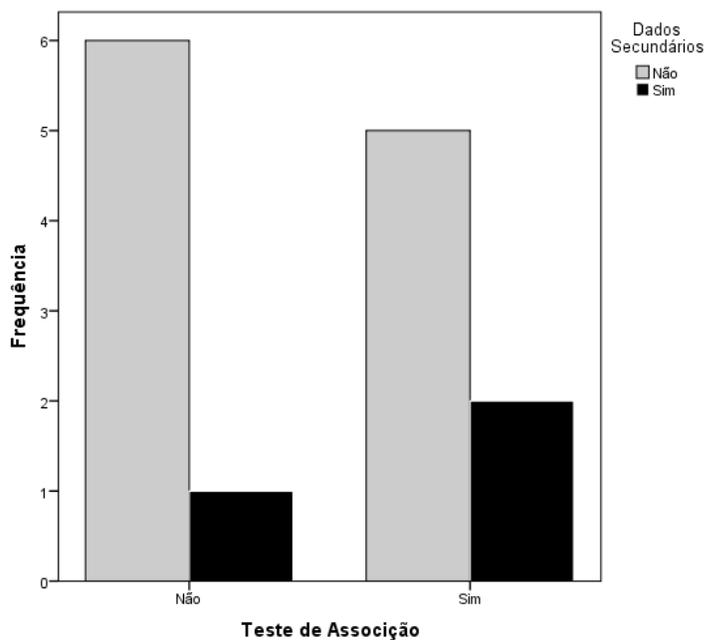
gráficos a seguir mostram se os estudos buscam utilizar algo mais que a análise de frequências e quão comum é utilização de testes de associação.

**Gráfico 3.12** – Outras Técnicas e Dados Secundários



Fonte: Elaboração Própria

**Gráfico 3.13** – Teste de Associação e Dados Secundários



Fonte: Elaboração Própria

50% ( $7/14 \times 100$ ) dos artigos utilizam outra técnica além da simples análise de frequência. Dentre os que vão além, a maioria utiliza apenas dados oriundos do *survey*. Igualmente, 50% dos artigos fazem testes de associação, dentre eles, 28,57% ( $2/7 \times 100$ ) utiliza dados secundários. Precisamente, dentre os artigos que não faz teste de associação, apenas 14,28% ( $1/7 \times 100$ ) utiliza dados secundários.

Em resumo, quanto ao desenho de pesquisa pode-se dizer que: (1) a maioria dos estudos tem ambição formal; porém (2) apenas 57,14% deles descrevem as técnicas que serão utilizadas na análise; (3) a maior parte dos trabalhos tem objetivo de descrever os fenômenos; (4) assume uma perspectiva transversal; (5) utiliza amostra aleatória simples e principalmente, (6) apenas metade utiliza outros dados secundários e faz algum teste de associação.



## CONCLUSÕES

Concluo, neste presente trabalho, que houve um aumento na última década, da utilização do survey, mas que ainda está longe de ser o ideal. Existe ainda uma resistência na academia na utilização do mesmo e ainda o desconhecimento desta ferramenta aos jovens pesquisadores das graduações de Ciências Sociais e áreas afins. A partir dos resultados demonstrados na análise dos artigos publicados nas revistas, existe uma grande utilização de frequências para analisar os dados adquiridos através dos questionários geralmente tratados no *software* SPSS, com dados passados pelos pesquisadores em campo, que busca a opinião dos indivíduos sobre o objeto estudado.

Portanto a utilização dessa ferramenta é mais que válida para trabalhar as pesquisas no Brasil, acredito que minicursos e matérias mais interativas de metodologia nos cursos de graduação tanto de Ciências Sociais e Ciência Política ajudariam a divulgar a mesma. Além de projetos extensivos como empresas juniores que empolgue os jovens a cada vez, a conhecer a possibilidade das técnicas tanto qualitativas como quantitativas.

## REFERÊNCIAS

BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisas de Survey. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

BANDEIRA, Marina. Como elaborar um questionário Laboratório de Psicologia Ambiental Universidade de Brasília Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, 2003, N° 01.

MATTAR, F. *Pesquisa de marketing*. Ed. Atlas. P. 132.

PINSONNEAUT, A & KRAEMER, K L. Survey research in manganent information systems: an assesement . *Journal of Managanent information systems*, 1993.

Paranhos, Figueiredo Filho, Carvalho da Rocha y da Silva Junior, Corra que o survey vem aí... Revista Latino americana de Metodología de la Investigación Social. N°6. Año 3. Oct. 2013 - Marzo 2014. Argentina. Pp. 07-24

SOARES, Gláucio Ary Dillon. O calcanhar metodológico da Ciência Política no Brasil. In: *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 48, 2005, pp. 27-52.

WALBURGA, Estevão Julio Keglevich de Buzin<sup>1</sup>; PERREIRA, Ivonete Maria ; PIRES, Larissa

Leandro; BRANDÃO, Daniel C. *Elaboração e aplicação de Survey*. n. 1, 2014, pp 01-10.

MATOS, Celso Augusto. TREZ, Guilherme; R. Adm. *FACES Journal Belo Horizonte* · v. 11 · n. 1 · p. 151-172 · jan./mar. 2012. ISSN 1984-6975 (online). ISSN 1517-8900 (Impressa)



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	14
Tabela 2 .....	20

## LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1- Gráfico 3.7 .....	20
Figura 2- Gráfico 3.8 .....	21
Figura 3- Gráfico 3.9 .....	22
Figura 4 - Gráfico 3.10 .....	22
Figura 5- Gráfico 3.11 .....	23
Figura 6- Gráfico 3.12 .....	24
Figura 7- Gráfico 3.13.....	24